

EJA no acampamento Elizabeth Teixeira: a construção coletiva de um calendário como instrumento de divulgação da vida e luta de trabalhadores(as) rurais.

Vinícius Meneguim Todorov
Carolina Orquiza Cherm
Rodrigo de Oliveira Taufic
Tessy Priscila Pavan
Yandara Pimentel Mendes
Ana Paula Ferreira de Melo¹

RESUMO:

Este trabalho refere-se aos círculos de cultura e alfabetização desenvolvidos no acampamento Elizabeth Teixeira durante o ano de 2011. Relata experiências desse projeto de extensão universitária e aborda noções úteis para a educação de adultos. As atividades realizadas resultaram na confecção de um calendário que conta a história e a construção desse acampamento sem-terra através de um percurso fotográfico pelo cotidiano da moradia e do plantio e de textos produzidos nos círculos da EJA, dando a conhecer um pouco da vivência destes trabalhadores. A EJA no acampamento em questão é parte de uma jornada que se reiniciou em março de 2011 pelo coletivo de estudantes Universidade Popular, da Unicamp, depois de ter sido vivenciada entre os anos de 2008 e 2009. O Universidade Popular nasceu no ano de 2007, e, em meio à greve e indignação com a gestão e ensino universitários, adotou como princípio de trabalho a educação popular. Desde então, o grupo tem realizado atividades junto a assentamentos e cooperativas. O acampamento Elizabeth Teixeira está situado no município de Limeira desde 2007, mas até os dias atuais a área ainda não foi regularizada, o que impede as famílias acampadas de acessar os créditos pelo INCRA. Nesse contexto, o calendário produzido é uma tentativa de fazer reconhecer a legitimidade da luta de ocupações e a necessidade da regularização da terra em que vivem essas famílias.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos (EJA), Educação Popular, alfabetização de adultos, Acampamento Elizabeth Teixeira, extensão universitária.

ABSTRACT:

This work refers to the Circles of Culture and Literacy held at Elizabeth Teixeira Landless Workers Camp during the year 2011. It reports experiences of this project of university extension and addresses useful notions for adult education. Such activities led to the making of a wall calendar that tells the story and development of this landless community through a photographic journey across daily life of housing and planting and texts produced by adults during educational activities, showing a bit of the life of these workers. The adult education in this area is part of a work that had been restarted in March 2011 by a student's group of the State University of Campinas called "Universidade Popular" after having been first experienced between the years 2008 and 2009. "Universidade Popular" was born in 2007, during a strike by university officials, merged in indignation with the education and university administration system, and adopted a proposal of working according to principles

¹ Em ordem: graduando em História (IFCH-Unicamp), doutoranda em Ciências Sociais na Educação (FE-Unicamp), mestrando em Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente (IE-Unicamp), graduada em Ciências Sociais (IFCH-Unicamp), graduanda em Ciências Sociais (IFCH-Unicamp), graduada em Pedagogia (Universidade São Marcos). Todos os autores e autoras são extensionistas educadores da EJA no acampamento Elizabeth Teixeira. Também foram educadores ao longo de 2011, Alexandra de Oliveira Alberini, Pedro Semeghini, Isabela Vilela Vieira, Yan Caramel Zehuri, Gustavo Zullo e Paula Sasaki Coelho.

of popular education amongst social movements, since then developing activities in rural settlements and labour cooperatives. Regarding the camp in which the work of adult education we now present is developed, it is located in the city of Limeira-SP, since 2007, but until today the area has not yet been regularized, which does not allow the families who live there to have access to financial credits granted by the National Institute of Colonization and Agrarian Reform (INCRA). Thus, the calendar is an attempt to legitimate their struggle for occupation and settlement of the land in which they live.

Keywords: adult education; popular education, adult literacy, Elizabeth Teixeira landless workers camp, university extension.

1. Introdução: um histórico do trabalho de EJA no acampamento Elizabeth Teixeira

O acampamento Elizabeth Teixeira está localizado no município de Limeira, próximo ao km 138 da rodovia Anhangüera. A área, conhecida como Horto Tatu, de 602.867 hectares foi ocupada por cerca de 250 famílias em 21 de abril de 2007, e contrasta com as terras vizinhas, que continuam apropriadas pelo monocultivo canavieiro. No dia 29 de novembro de 2007 os acampados sofreram despejo violento pela polícia militar, que cumpria uma ordem de reintegração de posse da área requerida pelo então prefeito de Limeira. Várias pessoas foram feridas na ação e muitas famílias perderam todos os bens. No dia 11 de dezembro do mesmo ano, após estudos que comprovaram que a área disputada pertencia oficialmente à União, as famílias reocuparam o local e, no dia 21 de agosto de 2008, foi aprovada a proposta de destinação do Horto Tatu para o assentamento de agricultores sem-terra, prevendo a criação de 150 propriedades familiares.

A reocupação da área contou com a presença de diversos apoiadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Dentre estes apoiadores encontrava-se o então recém-formado coletivo de estudantes Universidade Popular, que se dispôs a atuar junto àqueles trabalhadores e trabalhadoras. Nesse momento, a primeira demanda apresentada pela coordenação do acampamento foi a alfabetização de adultos, e a partir disso o Universidade Popular iniciou ali um trabalho de educação de jovens e adultos que se estendeu durante os anos de 2008 e 2009. O ano de 2008 foi profundamente marcado pelos diagnósticos, planejamentos, vivências na área, estudos, avaliações, reuniões, dúvidas, sorrisos, atividades culturais, e mais indignação com a situação dos acampados. Todas as atividades eram financiadas com recursos que vinham dos próprios estudantes e de festas por eles organizadas na universidade.

As primeiras aulas - círculos de cultura - aconteceram nas casas dos acampados, num sistema de revezamento. O dia escolhido pelo conjunto de educandos e educadores fora

domingo, durante as manhãs. Foi a partir destas manhãs que alguns acampados descobriram o universo das letras, dos livros, das poesias, dos jornais, das placas de ônibus, das cartas. Os estudantes por sua vez também se viram obrigados a reaprender a ler, imersos em contradições, não as letras, mas o mundo em si, ao aproximar-se da luta cotidiana dos movimentos populares. Assim, reuniões organizativas e encontros do próprio movimento passaram a fazer parte da rotina do grupo intensamente. Contudo, em agosto de 2009 as atividades foram suspensas por diversas carências, inclusive de recursos, sendo retomadas em 2011.

2. Perfil da EJA do Acampamento Elizabeth Teixeira em 2011

No segundo semestre de 2010 reinicia-se entre os estudantes um ciclo de formação em educação popular voltado para a metodologia de alfabetização de adultos.² Os futuros educadores realizaram então visitas domiciliares para obter um diagnóstico a respeito da comunidade e suas demandas por alfabetização, lançando mão de entrevistas semiestruturadas como forma conhecer o universo vocabular dos acampados, suas condições de letramento e grau de escolarização³. A partir dessas conversações foram produzidos relatos por cada educador (entrevistador) nos quais se buscou registrar os termos precisamente como eram empregados pelos moradores (entrevistados) do acampamento. Esse procedimento permitiu constatar algumas recorrências, não apenas temáticas ou gerais, mas vocabulares, e assim, com a sistematização das visitas diagnósticas, o coletivo de educadores obteve suas primeiras palavras geradoras: lote, luta, vista, cana e longe, entre outras.

Ainda durante o diagnóstico foi possível distinguir com maior clareza as especificidades e nuances da demanda por educação de adultos até então apresentada. Os

² Alguns dos estudos desse momento foram, de Carlos Rodrigues BRANDÃO, *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1988 e *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1984; FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996; GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982; DUBET, F. 'A Formação dos Indivíduos: a desinstitucionalização'. *Revista Contemporaneidade e Educação*, ano 3, vol.3, 1998. pp.27-33; LUNA, S.V. *Planejamento de Pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1999; e VEIGA, I.P.A. 'Perspectiva para reflexão em torno do projeto político-pedagógico' in VEIGA, Ilma P.A. e RESENDE, Lúcia M.G. (orgs.), *Escola: Espaço do projeto político-pedagógico*. Campinas: Papyrus, 1998.

³ Entende-se aqui como entrevista semiestruturada a conversação esboçada previamente por um roteiro que serve de eixo para o entrevistador, sem uso de questionários ou delimitação inflexível do tempo de conversação. O uso de roteiro pontua quais os tópicos cuja abordagem é prioritária, mas cabe à sensibilidade do entrevistador colocá-los ou suprimi-los, conforme o andamento da entrevista. A respeito das questões metodológicas envolvidas, ver BONI, V. e QUARESMA, S.J. 'Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais'. *Em Tese*, v.2 n.º1 (3), janeiro-julho de 2005, pp.68-80.

moradores foram perguntados inicialmente quanto ao seu interesse em participar do grupo de alfabetização, porém ao longo das visitas, alguns explicitaram também o desejo de continuar estudos interrompidos em outras etapas escolares, esboçando-se a situação abaixo:

I. Dados adaptados de sistematização feita pelo coletivo de educadores, datada de 26/04/2011

TOTAL DE VISITAS: 45		
INTERESSADOS NA ALFABETIZAÇÃO: 19 pessoas		QUEREM CONTINUAR OS ESTUDOS: 10 pessoas
PARTICIPANTES ESPERADOS: 23 envolvidos na alfabetização* e 10 em ciclos posteriores da EJA		

* Total que acresce aos 19 interessadas outros 4 não-alfabetizados indicados pelos moradores que não receberam. Os demais entrevistados disseram não ter interesse pelos estudos.

Ao se deparar com essa configuração, os educadores optaram por não efetuar divisões a princípio, e iniciar as atividades da EJA com todos os interessados, afim de que também eles pudessem se pronunciar a respeito da separação de turmas. Iniciadas as aulas, porém, o número de frequentadores da EJA se mostrou abaixo do esperado, e, apesar de entre os presentes haver alfabetizados e alfabetizando, a conformação de duas turmas inteiramente separadas mostrou-se desnecessária. Mas antes de avançar nesse assunto é preciso abordar as dificuldades e razões do baixo comparecimento inicial.

O acampamento está dividido em lotes, cada qual destinado a uma família. Apenas uma área, próxima à entrada principal do acampamento, é área coletiva, a qual abriga a estrutura utilizada para as atividades da EJA. Dada a extensão dos lotes, porém, segundo alguns dos moradores – às vezes de idade avançada – a dificuldade de deslocamento até o local da EJA foi um impedimento para a participação. Soma-se a isso o fato de, ao longo de 2011, o acampamento Elizabeth Teixeira ter passado por momentos de reorganização em sua coordenação e respectivos setores, apresentando dificuldades, por exemplo, para realizar assembléias, o que prejudicou a divulgação da EJA, feita nos espaços de reunião dos moradores. Isso posto, dos participantes esperados compareceram dois alfabetizando e o restante da turma foi composto pelo grupo que inicialmente parecera menos expressivo, qual seja, o dos alfabetizados que interromperam os estudos em idade escolar. Ao todo, passaram pela EJA no ano de 2011 doze educandos, dos quais cinco se mostraram frequentadores

regulares, consolidando, ao longo dos três primeiros meses, um grupo composto inteiramente por mulheres entre os 30 e 60 anos de idade, sendo quatro delas já alfabetizadas.⁴

3. Metodologia da EJA

Desde os idos de 2008 o projeto de educação de jovens e adultos no acampamento Elizabeth Teixeira adotou como referência os princípios da educação popular conforme disseminados pela obra de Paulo Freire.⁵ O ponto de partida para a prática de alfabetização adotada foi a sistematização de Carlos Rodrigues Brandão em *O que é método Paulo Freire*⁶, livro no qual são trabalhados conceitos como o universo vocabular e as palavras geradoras. Conforme a tal proposta, cada palavra geradora era discutida e debatida com os educandos para depois ser escrita seguindo o método de silabação em famílias.⁷ Porém, esta escolha foi cedo confrontada com as especificidades dos educandos que efetivamente frequentaram a EJA, pois a pequena turma consolidou-se com uma maioria de alfabetizados, situação na qual adotar a silabação como ponto de partida perdeu muito de sua significação. Por isso, já no primeiro círculo de cultura os educadores colocaram em discussão a sua metodologia e, em contrapartida, receberam indicações e comentários dos educandos.

Esses subsídios permitiram aos educadores rearranjar as atividades concentrando-se no tema gerador⁸ como disparador do processo de leitura em sentido geral, não somente direcionado para a alfabetização. Aos poucos, o que se configurou foi uma aproximação

⁴ Outros traços distintivos do grupo são a predominância de migrantes entre essas mulheres, sendo três das participantes nascidas fora do estado de São Paulo, o longo histórico de inserção no mundo do trabalho em trabalhos precários, informais, e subempregos, o fato de quatro serem mães, a maioria com filhos e filhas já adultos morando fora do acampamento, e ainda sua participação em maior ou menor grau em um projeto coletivo de geração de renda através de produtos agroecológicos no acampamento Elizabeth Teixeira. Esse projeto é assessorado pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP-UNICAMP) e composto exclusivamente por mulheres.

⁵ Ver, entre outros: *Pedagogia da Autonomia* (op.cit.), *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000; e Freire, P. e Macedo, D. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2002.

⁶ op.cit. ver nota 1.

⁷ Por exemplo, na palavra luta, primeiro discute-se o significado da palavra para o grupo, depois ela é dividida e suas sílabas inseridas em famílias (la- le- li- lo- lu / ta- te- ti- to- tu), a partir das quais, novas palavras podem ser criadas pelos educandos, a saber, lata, teto, etc.

⁸ cf. Brandão, C.R. *O que é método Paulo Freire*. op.cit. pp.18-20 (disponível na íntegra em <http://sitiodarosadosventos.com.br/livro>)

simultânea e coletiva de alfabetizados e alfabetizandos a um mesmo texto⁹, adaptado pelos educadores para cada atividade da EJA. A escolha do texto viria em função de temas surgidos nas experiências compartilhadas dos e com os educandos dentro do acampamento, e cada círculo de cultura tem início com a leitura coletiva desse texto. Tal procedimento resultou de modificações graduais. Muito importante nos meses iniciais da EJA foi o diálogo com os educandos ao final de cada encontro, a respeito da dinâmica empregada, suas vantagens e desvantagens. A leitura de abertura – para ilustrar esse andamento – foi se conformando aos poucos como uma leitura em voz alta, dividida entre todos os presentes, bastante pausada e comentada. Após essa interpretação coletiva – na qual o grupo procura não formular um entendimento unívoco do que é lido ou observado, mas construir relações com a sua vivência e somar elementos ao texto, criando, na leitura, diferentes interpretações possíveis¹⁰ – a turma era dividida para a prática da escrita.

A partir desse momento, o percurso base realizado com a alfabetização era o da silabação e composição de novas palavras a partir das famílias encontradas. O que se pôde observar diversas vezes foi a dificuldade da educanda em reter tanto letras quanto famílias no intervalo de uma semana entre as atividades da EJA. Nesse sentido, constata-se que o método silábico necessita de certo grau de constância e continuidade até que o adulto se familiarize com a estrutura da linguagem escrita. Com o grupo de mulheres já alfabetizadas, por sua vez, a EJA procurou sempre privilegiar a escrita original, mesmo em sua forma mais simples: um pequeno parágrafo, frase ou palavra, contanto que formulado pelas educandas naquele espaço a partir da discussão do tema do dia. Esse proceder na escrita tornou clara a importância de outro princípio pedagógico da educação popular, qual seja, o do direito de pronunciar o mundo que o educando possui enquanto sujeito de seu aprendizado. Isso se refletiu numa forte tendência das educandas de projetar a sua experiência de vida nos textos, e

⁹ Entendido aqui como conjunto de elementos aos quais ligamos significado, configurando um processo de leitura, seja em linguagem verbal ou não: ao longo do ano foram usadas variedade de notícias, desenhos, e fotografias, entre outros.

¹⁰ Essa abertura para o comentário e a interpretação na leitura inicial foi fundamental para o acolhimento da educanda não alfabetizada. É preciso explicitar esse procedimento para diferenciá-lo de uma interpretação de texto padronizada, e unicamente utilitária, na qual se busca, no corpo do texto, respostas para perguntas específicas. Uma leitura inventiva é particularmente útil ao educador da EJA, pois permite compreender as imagens mentais, memórias e relações que os temas evocam para os educandos, e consequentemente, o modo de pensar pelo qual eles formulam o seu entendimento de um texto. Essa compreensão é central para que a EJA mantenha o interesse e motivação de seus frequentadores, pois reduz o estranhamento dos educandos em retornar aos estudos na maturidade, na medida em que as atividades pedagógicas são construídas em diálogo com o seu modo de pensar.

gradativamente formular suas opiniões com mais precisão.¹¹ Por fim, os textos produzidos, independentemente do seu grau de desenvolvimento, são lidos e compartilhados igualmente entre alfabetizadas e alfabetizanda, a fim de valorizar o esforço da escrita como um todo.

Baseando-se na tentativa da produção escrita, a EJA no Elizabeth Teixeira deparou-se com uma situação comum, na qual inicialmente, para o educando é como se houvesse não apenas a grafia correta (ortografia) como também, um conteúdo, a coisa correta a se dizer. E muitas vezes é esperado pelos próprios educandos que esse conteúdo venha do educador, isso é, que este leia e pronuncie o mundo para os educandos. Há, portanto, uma zona de tensão entre a expectativa do educando, cuja experiência anterior é marcada pela educação bancária¹², e a proposta de construção dialógica de conhecimento. Essa tensão é trabalhada através da prática da escrita e da leitura sempre em torno de algo mais familiar ao universo do educando, o que requer o acionamento dos seus saberes de experiência – memórias, juízos, vivências, opiniões – e o pronunciamento desses no coletivo da EJA, estabelecendo o diálogo. Dessa forma foi tomando corpo a diferença entre um dizer, num modo tido como certo (a norma culta), o que parece acertado dizer (a mesma opinião ouvida do “mais letrado”) e dizer o que se entende por certo (a sua leitura de mundo) de modo a se fazer compreender (mobilizando as várias linguagens como instrumento do seu direito de pronunciar).

É importante explicitar essas diferenças, pois a demanda das educandas alfabetizadas partiu das suas dificuldades com a escrita em direção a uma noção espelhada na norma culta como único padrão aceitável. Sabemos que essa noção é histórica e imersa em relações de poder, e por isso é preciso insistir no questionamento conjunto do preconceito linguístico. Assim, a grafia das palavras foi trabalhada relendo-se junto com as educandas os textos produzidos, afim de que elas mesmas apontassem e modificassem os termos que soavam estranhos¹³. O objetivo era trabalhar a favor de um deslocamento da referência almejada, da

¹¹ Sobre o ‘pronunciar o mundo’, ver Freire, P. *Pedagogia do Oprimido*. op.cit. pp.44-5. Nesse momento, da escrita, é que se esboçou mais nitidamente a prática transformadora que é referência principal da educação popular: o empoderamento pelo aprendizado. Aprendizado esse que é muito determinado pela desobstrução do potencial dos educandos a partir do desafiar-se, coletiva e mutuamente amparados, à leitura, libertando-se de uma série de introjeções socialmente construídas de incapacidade e fatalismo.

¹² Segundo Freire (ibid. pp.33-5), a educação bancária é aquela em que educadores definem o que, como e porque ensinar, sem dialogar com os educandos. Trata-se da educação como poder, definida exclusivamente pelo educador sem considerar o significado que o aprendizado tem para os educandos.

¹³ Tal procedimento dá conta de boa parte das questões básicas relacionadas aos fonemas, principalmente do desaparecimento de algumas letras, que acarreta alterações sonoras percebidas pelas autoras quando seu texto era lido por outros. Há complicadores, no entanto, como o fonema /z/ da consoante “s” entre vogais, ou os vários sons associados à letra “x”.

norma padrão por si, para o cumprimento da função comunicadora da linguagem, legitimando variadas formas de expressão verbal, incluída aí a linguagem culta.

Por fim, o círculo de cultura realizado na EJA do acampamento Elizabeth Teixeira, com alfabetizadas e alfabetizanda simultaneamente conformou-se no seguinte proceder: partindo da leitura coletiva, desenvolveu-se paralelamente à seleção de palavras→silabação→leitura e formação de novas palavras que ocorria na alfabetização, a escrita→releitura→reescrita dos textos produzidos pelas educandas alfabetizadas, sendo reunidos os dois percursos em uma nova leitura, cuja função era a partilha do aprendizado formulado naquele círculo de cultura. Essa metodologia mostrou reflexos positivos entre todas as educandas, desde maior desenvoltura e encorajamento para expor suas opiniões em espaços coletivos para além da EJA, até um progresso, vagaroso e sensivelmente notável, na leitura por parte da alfabetizanda, que no fim do ano de 2011 se emocionou ao ler sozinha pela primeira vez. Cabe destacar que se trata de uma experiência ainda em curso, e como tal, incompleta e em transformação. Por isso mesmo é relevante compartilhá-la. No entendimento dos educadores que a compõem, até aqui a EJA no Elizabeth Teixeira reitera uma vez mais a importância da educação popular, pois trata-se de prática pedagógica que, a cada passo dado, permite construir, não apesar de, mas a partir das dificuldades encontradas, o compromisso radical de transformação que preconiza.

4. O calendário como instrumento de divulgação da EJA e do Elizabeth Teixeira

Como resultado desse processo dialógico, no final do ano de 2011 o grupo de educandas sugeriu que se envolvesse todo o acampamento Elizabeth Teixeira na realização de um calendário temático para divulgação da história e das reivindicações dessa comunidade em Limeira, contribuindo tanto para a luta pela regularização das terras como para a divulgação da EJA entre os acampados. Essa sugestão surgiu como resposta a duas preocupações relacionadas à realização dos círculos de cultura: a desistência já mencionada da maior parte das pessoas que o frequentaram, e o confronto com opiniões de não moradores a respeito do acampamento Elizabeth Teixeira, trazidas pelas próprias educandas durante as atividades. Essas opiniões eram recordadas nos diálogos a respeito da situação do acampamento e colocadas em questão, o que fez com que as educandas identificassem-nas como preconceituosas, pautadas num desconhecimento e carentes de informação. Na compreensão dessas acampadas, tamanha distância influía negativamente no processo de regularização das terras, pois a população do município desconhecia as pautas defendidas pelos acampados e os

benefícios advindos do assentamento das famílias para toda a cidade, tais como o aumento da produtividade da terra e o cultivo de alimentos sem agrotóxicos.

Desse modo, agregaram-se os esforços de ampliação da EJA no acampamento e de contraposição a um estereótipo negativo dos sem-terra no intuito de reverter a opinião pública a favor das famílias do Elizabeth Teixeira, e no mês de outubro de 2011 começou a ser composto um calendário com fotos das plantações e moradias dos acampados, cuja proposta é divulgar seu trabalho cotidiano. Ele conta com textos elaborados nas aulas da EJA e as fotos utilizadas foram feitas pelos educadores, que visitaram novamente grande número de lotes, divulgando simultaneamente a EJA.¹⁴ Nesse trajeto, os educandos também colheram depoimentos de outros acampados, os quais foram incorporados ao calendário, expressando o que pensam os moradores a respeito da vida no acampamento:

“Eu não uso adubo químico. Esse adubo 10-10-10 só da doença no povo. Lá no CEASA essas frutas, verduras, laranja, vai veneno demais moço...”

“O EJA foi uma experiência muito grande... Nunca fui a escola em cinquenta anos. Pra mim foi muito bom a experiência do EJA”

“Eu gosto muito de árvore. É o que eu mais gosto aqui. Cortar árvore é um crime, tem que conservar”

“Agosto aqui estamos na espera de um mês com muito vento. Temos preocupações com as nossas moradias, as quais são frágeis.”

Além de observações sobre o clima de cada mês e as fases da lua, o calendário conta ainda com datas comemorativas apontadas pelas educandas, entre feriados nacionais, celebrações do Movimento Sem-Terra, e memórias do acampamento, com o dia 11 de dezembro, data de reocupação da área após o despejo.

Nota-se que, da forma como foi pensado, esse projeto uniu saberes locais estruturantes do trabalho e da produção no acampamento e memórias a respeito da luta política da comunidade, servindo como apoio às necessidades internas, no cultivo da terra e na ampliação da educação de adultos, bem como às necessidades externas de divulgação da situação local. Para atingir este segundo objetivo o calendário foi vendido na cidade de Campinas, – onde a rede de apoiadores do coletivo de extensão era o público alvo – e principalmente em Limeira,

¹⁴ Também participaram voluntariamente nesse processo as fotógrafas Natasha Mota, Gabriela Carvalho e Ana Maria Furlan, ex-participantes do projeto de ciranda infantil no acampamento Elizabeth Teixeira.

vendido e distribuído em locais estratégicos como a prefeitura, audiências públicas e eventos que reuniram autoridades, atos dos acampados e sindicatos da cidade, entre outros. Quanto à verba arrecadada, vem se discutido a importância da reconstrução do espaço coletivo do acampamento, com ênfase em sua destinação na compra de materiais para uma escola melhor preparada, já que os círculos de cultura atualmente ocorrem em um barraco cuja situação é bastante precária.

Uma vez que as atividades em torno do calendário foram efetivamente iniciadas em outubro e deveriam terminar com o fim do ano para começarem as vendas em 2012, o coletivo trabalhou com um prazo insuficiente para que todo o acampamento fosse envolvido em cada etapa da montagem, tais como a seleção das fotos e textos que compuseram o calendário. Apesar disso, com a entrada da EJA em pauta nas reuniões de coordenação e do setor de educação do Elizabeth Teixeira, observa-se que os objetivos da divulgação no acampamento – realizada mediante distribuição do calendário para os moradores ou doação voluntária em troca – foram cumpridos. Ao mesmo tempo, quantidade significativa de calendários foi destinada para a divulgação externa na cidade de Limeira, porém, devido aos poucos meses de distribuição, ainda não se sabe exatamente qual o alcance desse material. A partir dessa experiência, a EJA pretende contribuir com o esforço dessas famílias em se fazer reconhecer numa luta legítima pela regularização das terras em que vivem.